

COLEÇÃO **PENSAR A AMÉRICA LATINA E O CARIBE**

LIVRO II ESTADO E LUTAS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA: SOCIEDADE, ECONOMIA E POLÍTICA

ORGANIZADORAS

VIVIAN URQUIDI

MARGARIDA NEPOMUCENO

MAYRA COAN LAGO

JOANA DE FÁTIMA RODRIGUES

RITA DE CÁSSIA MARQUES LIMA DE CASTRO

SABRINA RODRIGUES

FAPESP

PROLAM
editora



COLEÇÃO
PENSAR A AMÉRICA LATINA E O CARIBE

**ESTADO E LUTAS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA:
SOCIEDADE, ECONOMIA E POLÍTICA**

LIVRO II

PROLAM
editora

Copyright © 2019 dos organizadores e autores dos textos

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria, proibindo qualquer uso para fins comerciais. A exatidão das informações, conceitos e opiniões é de exclusiva responsabilidade dos autores, os quais também se responsabilizam pelas imagens utilizadas.



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Estado e lutas sociais na América Latina [livro eletrônico] : sociedade, economia e política / organização Vivian Urquidí ... [et al.]. -- 1. ed. -- São Paulo : PROLAM/USP, 2019.
1.438 KB ; PDF

Bibliografia
Vários colaboradores.
ISBN 978-85-88376-04-5

1. Ciências políticas 2. Ciências sociais 3. Economia - América Latina 4. Pensamento político 5. Relações internacionais - Aspectos políticos I. Urquidí, Vivian.

20-47157

CDD-320

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências políticas 320

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

**VOLUME II:
SOCIEDADE EM MOVIMENTO**

PARTE I

**AMÉRICA LATINA EM MOVIMENTO:
LUTAS SOCIAIS E RESISTÊNCIA**

O fluxo migratório da América Central para os Estados Unidos via México

Ayrton Ribeiro de Souza*
Douglas Avezum Marques Silva**
Lucilene Cury***

Introdução

O presente estudo tem como proposta compreender a movimentação migratória na fronteira do sul do México-América Central e na fronteira norte do México-EUA a partir da observação das condições alarmantes a que são submetidos os migrantes e o papel de país de trânsito – mas também acolhedor ou repelente – exercido pelo México. Trata-se de uma análise de um amplo espaço geográfico, que abarca desde os países do chamado Triângulo Norte da América Central (Guatemala, Honduras e El Salvador), o México, até os Estados Unidos da América, que revelou as baixas condições socioeconômicas e os de altos níveis de violência dos países de origem dos migrantes, a longa e árdua trajetória ao atravessar todo o território mexicano, até o difícil contexto de chegada e transposição da fronteira para os estados norte-americanos da Califórnia, Arizona, Novo México e Texas.

O estudo foi realizado a partir da coleta de dados do Departamento de Segurança Interna dos Estados Unidos (*Homeland Security*), dos dados oficiais do Instituto Nacional de Migração Mexicano e de organizações não-governamentais como *International Crisis Group*, *No More Deaths* e *Arquitectos Con La Gente*. A pesquisa teve como base embasamento teórica obras como “Sociologia da globalização” de Saskia Sassen (2010), “Por uma outra globalização” de Milton Santos (2001) e “Introdução à História das Relações Internacionais” de Pierre Renouvin e Jean-Baptiste

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (PROLAM-USP). Pesquisador do Grupo de Pesquisas CnPq “Movimentos Econômicos e Migratórios” (MEMI). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES). E-mail: ayrtonribeiro@usp.br

** Graduando em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Membro do grupo de pesquisas “Movimentos Econômicos e Migratórios” (MEMI). E-mail: douglasavezum@usp.br.

*** Profa. Dra. Associada na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e do Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (PROLAM) da Universidade de São Paulo (USP). Líder do Grupo de Pesquisas “Movimentos Econômicos e Migratórios” (MEMI)/ECA-USP. E-mail: lucilene@usp.br.

Duroselle (1967), que possibilitaram relacionar a complexidade dos fluxos migratórios atuais na América Central e do Norte com os efeitos da globalização das últimas décadas e o conceito de “forças profundas” que impelem indivíduos e famílias inteiras a abandonarem seus países de origem em busca de uma vida melhor.

A metodologia utilizada combina fatores qualitativos e quantitativos de pesquisa. Realizou-se um levantamento de dados como o número de migrantes que tentam cruzar a fronteira entre o México e os Estados Unidos, o número de mortes relatadas na região da fronteira, os principais destinos dos migrantes, o número de mexicanos migrantes e deportados, e a origem e a condição socioeconômica dos migrantes. Paralelamente, buscamos compreender as razões que levam milhões de centro-americanos a abandonarem seus lares e para isso foi necessário um aprofundamento nas questões políticas, econômicas e sociais destes países de origem dos migrantes, o que não seria possível sem o embasamento teórico dos autores mencionados anteriormente.

O presente artigo divide-se em quatro seções que apresentam os principais dados para uma compreensão geral do cenário que envolve as migrações de centro-americanos para os Estados Unidos via México e a situação na fronteira do México com os Estados Unidos. A primeira seção faz justamente uma leitura rápida do contexto na fronteira México-Estados Unidos, dado que é ponto crucial para onde a massa de migrantes se direcionam. A segunda seção aborda a figura do migrante mexicano nos Estados Unidos, atualmente menos ressaltado pela mídia, mas que constitui o maior volume de migrantes nos Estados Unidos e não deve ser esquecido. A terceira seção contextualiza o México, historicamente um país de emigrantes, como país de acolhimento, trânsito e repulsão dos migrantes centro-americanos. Finalmente, para compreender o motivo das saídas em massa dos centro-americanos de seus países de origem, a quarta seção expõe a conjuntura socioeconômica de El Salvador, Guatemala e Honduras.

Fronteira norte do México – Estados Unidos

Com uma extensão total de 3.145km, a fronteira que separa o México dos Estados Unidos estende-se do Golfo do México até o Oceano Pacífico. A linha fronteira acompanha o curso do Rio Grande do Golfo do México até Ciudad Juarez, seguindo depois a oeste pelos desertos de Chihuahua e Sonora até chegar ao Oceano Pacífico nas cidades fronteiriças de San Diego (Estados Unidos) e Tijuana (México). Trata-se, portanto, de uma vasta área transposta por rios, desertos e cidades fronteiriças, o que resulta em diferentes métodos de cruzamento por parte dos migrantes (International Crisis Group, 2018, p. 33).

Devido a estas circunstâncias adversas para vigilância e o recrudescimento da política migratória dos Estados Unidos, o governo daquele país mantém os Agentes

da Patrulha da Fronteira, grupo armado responsável por barrar a entrada dos migrantes sem documentação legal pela fronteira terrestre, através de operações cotidianas ou grandes operações sazonais. A Patrulha, junto com governos anteriores da potência norte-americana, foi responsável por algumas operações estratégicas que objetivaram diminuir a entrada pela divisa com o México: *Operation Gatekeeper*, em San Diego, Califórnia (1994); Operação *Hold the Line*, em El Paso, Texas (1997); Operação *Rio Grande*, em McAllen, Texas, *Operation Safeguard*, em Tucson, Arizona (1999). Esses programas geraram diferentes resultados. Em termos práticos, foram falhos devido aos altos custos, tiveram um efeito prejudicial em zonas ecologicamente sensíveis e tiveram pouco impacto no número total de pessoas atravessando a fronteira. Em vez de reduzir as travessias, essas operações redirecionaram os imigrantes para lugares menos visados, principalmente no Arizona e no Novo México, longe dos pontos de travessia e dos grandes centros populacionais, como San Diego e El Paso (International Crisis Group, 2018, p. 33).

Por outro lado, as ações humanitárias são também realizadas na fronteira por organizações como Fish and Wildlife, No More Deaths, Tucson Samaritans, Armadillos e Águilas del Desierto que fornecem água para reduzir as mortes por desidratação de imigrantes que estão viajando pelo deserto do Arizona (The Intercept Brasil; No More Deaths, 2019). Apesar de ter um objetivo comum, uma política aprovada em 2010 pela agência federal americana Fish and Wildlife permitiu que tambores de água com 55 galões de água fossem colocados em estradas de áreas perturbadas, que apoia o método de Humane Borders e os métodos de No More Deaths and Samaritans, que colocam jarras em um galão de água penduradas nas árvores. Algumas ONGs ganham destaque nos serviços que prestam na região (No More Deaths, 2019).

Nos processos de tentativas de entrar nos Estados Unidos sem os documentos legais, ou seja, atravessando o deserto e a fronteira entre os países de maneira ilegal, muitos migrantes não resistem às duras condições da travessia e morrem. Como apontado anteriormente, as fronteiras humanitárias ainda se esforçam para auxiliar o cenário perigoso que os migrantes enfrentam (além do combate junto às autoridades migratórias estadunidenses que controlam a região).

Quando analisado o período de 2009 a 2016, as principais causas de morte durante as tentativas são, respectivamente: causas não especificadas – 1.090; desidratação – 690; afogamento – 307; acidente – 83; hipotermia – 13; morte natural associada a uma doença – 13. Vale a reflexão de buscar entender quais seriam essas causas não especificadas que correspondem à maioria das causas de falecimento. Esses números são das pessoas falecidas encontradas já em território dos Estados Unidos. Só no Arizona foram encontrados mais da metade desses corpos (52%). No Texas, segundo lugar nos registros das mortes dos mexicanos, 40% (Organização Mundial da Saúde, 2018, p.55).

Migrantes mexicanos nos Estados Unidos: quantidades, destinos e condições socioeconômicas

De acordo com os dados fornecidos pela American Community Survey (AMS) e pela Current Population Survey (CPS), institutos credibilizados de pesquisa social estadunidense, o número de mexicanos que reside nos Estados Unidos é de, aproximadamente, 12 milhões de pessoas (contando migrantes com documentos legais e migrantes sem documentação que garanta uma permanência legal no país). Esse número confere com a pesquisa aplicada no ano de 2016.

Tabela 1. Migrantes Mexicanos nos Estados Unidos - 2005/2016

Ano	AMS	CPS
2005	11,16 milhões	11,05 milhões
2010	11,96 milhões	12,01 milhões
2015	11,91 milhões	12,21 milhões
2016	-	12,00 milhões

Fonte: U.S Census Bureau, Current Population Survey (CPS), 1994-2016 / American Community Survey (ACS), 2000-2015

Desses 12 milhões de mexicanos que vivem nos Estados Unidos, números de pesquisas mais recentes mostram que quase metade corresponde a migrantes sem documentos legais. A Fundación BBVA Bancomer, o BBVA Research, em conjunto com a Secretaria do Governo Mexicano e com o Conselho Nacional de População do México elaboraram o *Anuário de Migração-México*, nos anos de 2016, 2017 e 2018. Nesses documentos, conseguimos ver, ao longo dos anos, a quantidade de migrantes em condições de permanência ilegais na principal potência da América do Norte:

Tabela 2. População mexicana sem documentos nos Estados Unidos - 2005/2014

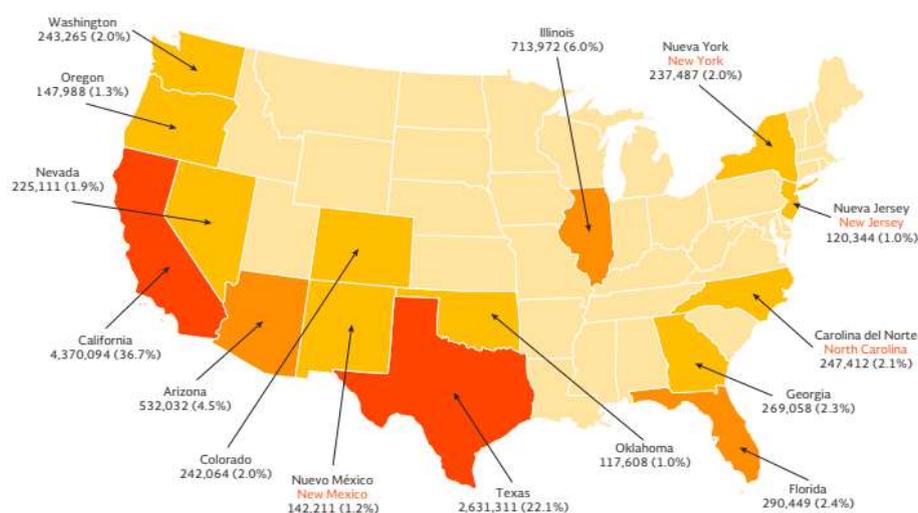
2005	6,3 milhões
2006	6,6 milhões
2007	7,0 milhões
2008	6,6 milhões
2009	6,4 milhões
2010	6,2 milhões
2011	6,2 milhões
2012	5,9 milhões
2013	5,9 milhões
2014	5,9 milhões
2015	5,6 milhões
2016	5,6 milhões

Fonte: Anuário de Migração - México 2018: Fundacion BBVA Bancomer, BBVA Research, Governo México

Segundo dados do Anuário Nacional de Migração do governo mexicano, os principais estados de residência dos mexicanos nos Estados Unidos são, de fato, os estados fronteiriços: Califórnia (4.370.094 - 36,7%) e Texas (2.631.311 - 22,1%). Além dos dois, Arizona que também faz fronteira com o México (532.032 - 4,5%) e Illinois, estado central caracterizado por ter muitos mexicanos na região metropolitana

O fluxo migratório da América Central para os Estados Unidos via México

de Chicago (713.972 - 6,0%), também se destacam no destino dos migrantes. Dentre os estados dos EUA que mais recebem a população mexicana sem documentos, Califórnia e Texas destacam-se, apresentando respectivamente 28,4% e 19,9% dos migrantes (México, 2017, p. 65).



Fonte: Anuário de Migração - México 2017: Fundacion BBVA Bancomer, BBVA Research, Governo México.

Ao entrarmos no nível educacional dos mexicanos residentes nos Estados Unidos, constatamos que, de fato, os migrantes em sua maioria não tiveram acesso a um período escolar/de graduação significativo. De acordo com dados de 2015, vemos que 42,2% dos migrantes mexicanos apresentam menos de 10 graus de ensino (o que corresponde até o nível “fundamental” de ensino). Outros 40,2% apresentam entre 10 e 12 graus de ensino (chegando ao ensino médio). Já os que apresentam ensino superior, ensino técnico ou pós-graduação correspondem a, apenas, 17,5% dos que migram (México, 2017, p. 46-49). Esses números mostram que a mão-de-obra mexicana que chega aos Estados Unidos não é muito qualificada. E são números utilizados pelos discursos políticos conservadores para estereotipar o mexicano como incompetente, operacional e desqualificado para os EUA, como vemos nas falas do atual presidente estadunidense Donald Trump.

Tabela 3. Nível de escolaridade dos migrantes mexicanos nos EUA - 2015

	Geral	Homens	Mulheres
Menos de 10 graus	42,2%	42,4%	42,0%
De 10 a 12 graus	40,2%	41,4%	39%
Ensino Técnico Superior	10,6%	9,8%	11,6%
Profissional/Pós-Graduado	6,9%	6,3%	7,5%

Fonte: Anuário de Migração - México 2017: Fundacion BBVA Bancomer, BBVA Research, Governo México

Já nas condições de atividade econômica dos migrantes, 66,7% dos mexicanos correspondem à população economicamente ativa e 33,3% à população economicamente não ativa. Entre os economicamente ativos, 95,1% estão empregados e apenas 4,9% desempregados, mostrando que o ano de 2017 foi o ano de menor taxa de desemprego do século (4,9%) (México, 2017, p. 46-49). No entanto, esses números são divergentes entre homens e mulheres:

Tabela 4. Situação dos trabalhadores mexicanos nos EUA - 2017

	Homens	Mulheres
População Economicamente Ativa	81,7%	49,9%
	95,5% Empregados	94,3% Empregados
	4,5% Desempregados	5,7% Desempregados
População Economicamente Não Ativa	18,3%	50,1%

Fonte: Anuário de Migração - México 2018: Fundacion BBVA Bancomer, BBVA Research, Governo México

E nesse cenário, 29,7% dos trabalhadores homens trabalham com Construção, 13,2% são Profissionais ou trabalham na Área Administrativa, 12,2% com Lazer e Hospitalidade e 11,9% com Manufatura. Por outro lado, 22,1% das trabalhadoras mulheres trabalham com Saúde e Educação, 17,6% com Lazer e Hospitalidade, 14,3% são profissionais ou trabalham na Área Administrativa e 13,5% com Manufatura (México, 2017, p. 46-49).

O papel do México como país de trânsito dos migrantes centro-americanos em direção aos Estados Unidos: Programa Fronteira Sul e Lei da Migração (2011)

O México tem exercido um duplo papel como país de trânsito dos centro-americanos que se dirigem aos Estados Unidos. Apesar de, como vimos, ser ele próprio um país de emigração massiva para o vizinho do norte, o México passou a realizar uma forte ação de barrar e deportar os migrantes centro-americanos ainda na fronteira sul de seu território, a milhares de quilômetros de distância do país de destino. Trata-se do Programa Fronteira Sul, executado em cooperação militar com os Estados Unidos. Ao mesmo tempo, em 2011 o México aprovou uma nova Lei de Migração que garante, de forma ampla e generalizada, diversos direitos aos migrantes.

Ao longo de 2017, o México confirmou seu interesse em consolidar a cooperação militar com os EUA e adotar uma política externa mais forte na região de sua fronteira sul com a América Central. Depois de que ambos os países organizaram, pela primeira vez em conjunto, a Conferência de Segurança da América Central em Cozumel, de 23 a 25 de abril, autoridades dos EUA elogiaram o México por sua disposição em projetar o poder militar. Em uma Audiência do Senado, General Lori Robinson, Comandante do Comando do Norte dos EUA, descreveu “uma evolução do exército mexicano de uma força focada em questões internas para uma vontade cada vez mais capaz de fornecer liderança na questão da segurança na América Latina”.

O Programa Fronteira Sul possui 3 frentes de controle: 1) Controles de segurança na própria fronteira; 2) Postos de controle em áreas próximas à fronteira chamados Centros de Atención Integral al Tránsito Fronterizo (Marinha, Exército, polícia federal, fiscais, autoridades municipais e estatais, representantes do Instituto Nacional de Migración); 3) Zona de contenção que formava uma grande linha passando por Coatzacoalcos, Veracruz e Salina Cruz, Oaxaca. Nessa linha instalavam-se as Bases de Operaciones Mixtas, para combater tráfico de pessoas e contrabando de drogas e mercadorias. Em 2014, o Programa passou a ser organizado pela Secretaria do Governo, e permanece assim até hoje. Fronteiras com Bases Navais nos rios e os cordões de segurança vão até 100 milhas para o norte da fronteira do México com Guatemala e Belize (International Crisis Group, 2018, p. 6).



Programa Fronteira Sul - Fonte: “La frontera sur de México” (International Crisis Group, 2018, p. 40).

Simultaneamente, o México apresenta-se como país de acolhida humanitária aos migrantes que ultrapassam os controles da fronteira sul a partir dos direitos consolidados em uma moderna Lei da Migração. No dia 25 de maio de 2011, foi aprovada pelo Congresso Nacional do país a Lei Nacional de Migração do México, que garante direitos aos migrantes e transmigrantes (migrantes que passam por um país com o intuito de chegar a outro) de trânsito migratório respaldado em condições seguras e humanas.

Descrevemos a seguir alguns dos direitos das Pessoas Migrantes assegurados pela Comissão Nacional de Direitos Humanos do México e também com alguns pontos garantidos pela Lei Nacional de Migração do país: direito à nacionalidade; direito ao livre trânsito; direito à segurança jurídica e ao devido processo; direito a atenção consular; direito de não ser discriminado; direito ao asilo; direito ao refúgio; direito à proteção da unidade familiar; direito à dignidade humana; direito de ser alojado em uma estação migratória; direito a um alojamento decente; direito de não ser incomunicável; direito a um tradutor; direito a não ser detido em abrigos; direito à diversidade cultural e à interculturalidade.

Percebe-se, portanto, um papel ambíguo exercido pelo México em relação à política migratória. Sendo o país um dos grandes emissores de migrantes do mundo, voltados majoritariamente para os Estados Unidos, poderíamos imaginar que se solidarizaria com as necessidades dos migrantes dos demais países que buscam fazer o mesmo trajeto. É verdade que sua Lei da Migração prevê mecanismos de proteção dos mais

avançados aos migrantes do mais avançados. No entanto, a forte dependência econômica do México com os Estados Unidos o torna vulnerável para pleitear políticas migratórias do vizinho do norte, aceitando (e utilizando isto como moeda de troca em negociações comerciais) policiar e barrar os grupos de centro-americanos que chegam a sua fronteira sul.

Contexto socioeconômico dos países de origem de migrantes na América Central: El Salvador, Honduras e Guatemala

Conhecidos pelos maiores índices de violência no mundo, Honduras, Guatemala e El Salvador – o chamado “Triângulo Norte” da América Central – são ainda afetados por altos níveis de pobreza, desemprego, falta de saneamento básico, corrupção e perseguição a defensores dos direitos humanos. Os três países apresentam uma parcela significativa de sua população vivendo abaixo da linha da pobreza: Na Guatemala, 59,3% da população (13º no mundo); Em El Salvador, 34,9% da população (49º no mundo); Em Honduras, 29,6% da população (65º no mundo) (Cia World Factbook).

Além dos dados da linha de pobreza, os países destacam-se negativamente no Índice de Violência da OMS (2018). O índice é calculado levando em consideração as taxas de homicídios a cada 100 mil pessoas. E, nesse indicador, Honduras apresenta a maior taxa mundial (55,5 homicídios a cada 100 mil pessoas), El Salvador a terceira (46 homicídios a cada 100 mil pessoas) e Guatemala a décima maior (25,8 homicídios a cada 100 mil pessoas) (Organização Mundial da Saúde, 2018, p.23).

Um dos fatores responsáveis por esse contexto preocupante na América Central é o domínio de gangues organizadas no cotidiano do país, conhecidas como *maras*. Surgidas inicialmente nos Estados Unidos por imigrantes salvadorenhos, a partir de 1993 os integrantes das maras foram deportados e voltaram a seu país de origem, El Salvador, onde rapidamente desenvolveram um amplo leque de atividades ilícitas como extorsão, roubos, sequestros, coerção, expandindo seu número de membros graças a um Estado débil demais para combatê-las. As maras são caracterizadas por admitir apenas homens (normalmente jovens entre 17 e 25 anos), com traços e ritos de extrema violência (como a exigência de cometer um assassinato no ato de admissão na *mara*). A maior e mais temida é Mara Salvatrucha (ou MS-13), que se estima possuir 60 mil membros espalhados por toda América Central, e até no Canadá e na Espanha (Anistia Internacional, 2018, p. 118).

Com este cenário catastrófico nos países do Triângulo Norte da América Central e o respaldo que a Lei da Migração do México garante, muitos hondurenhos, guatemaltecos e salvadorenhos buscam cruzar a fronteira sul do país mexicano para chegar nos Estados Unidos. Nos últimos anos, inclusive, na fronteira do México com os Estados Unidos, o número de detenção de não mexicanos (onde quase metade corresponde a centro-americanos) em situação de migração ilegal cresceu e, atualmente,

é maior que o número de detenção de mexicanos em situação de migração ilegal, como podemos ver na tabela a seguir:

Tabela 7. Total de detenção de estrangeiros em condições ilegais de migração nas fronteiras dos Estados Unidos

Ano	Mexicanos	Não Mexicanos	Total
2010	404.365	59.017	463.382
2011	286.154	54.098	340.252
2012	265.755	99.013	364.768
2013	267.734	153.055	420.789
2014	229.178	257.473	486.651
2015	188.122	148.995	337.117
2016	192.969	222.847	415.816
2017	130.454	180.077	310.531

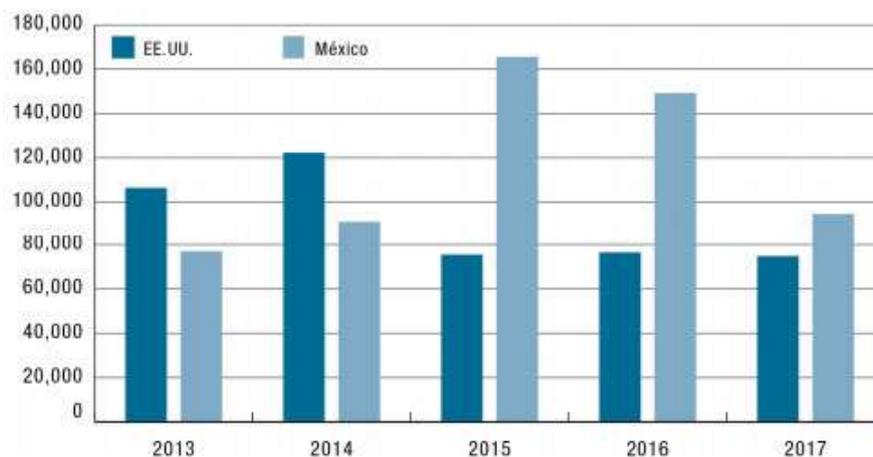
Fonte: La Frontera Sur de México: seguridad, violencia y migración en la Era Trump - 2018 Boletines Estadísticos de la Secretaría de Gobernación 2012-2017 / Immigration and Customs Enforcement - ICE

Esses números mostram que, mesmo com a preocupação e atuação do Programa Fronteira Sul na fronteira do México com a América Central para controlar o fluxo migratório da região, as transições populacionais de centro-americanos sem documentação legal ainda acontecem em larga escala. No entanto, seriam ainda maiores as detenções dos centro-americanos na fronteira estadunidense caso não existisse o controle mexicano na sua divisa sul. Como podemos ver no seguinte gráfico, o México, a partir de 2014, deporta mais migrantes de Honduras, El Salvador e Guatemala do que os Estados Unidos. Esses números são reflexos da consolidação do Programa

O fluxo migratório da América Central para os Estados Unidos via México

Fronteira Sul e da cooperação militar entre México e EUA na divisa mexicana com Belize e Guatemala.

Tabela 7. Deportação de pessoas do triângulo norte - México e EUA



Fonte: La Frontera Sur de México: seguridad, violencia y migración en la Era Trump - 2018 Boletines Estadísticos de la Secretaría de Gobernación 2012-2017 / Immigration and Customs Enforcement – ICE

Com a movimentação dos centro-americanos rumo aos Estados Unidos, os indicadores de violência dos estados do Sul do México aumentaram. Essa questão pode também ser interpretada como um reflexo desses movimentos migratórios que também levam membros de gangues e narcotraficantes para o território mexicano. Nota-se que, em 2017, a taxa de sequestros dos estados do sul, são, com exceção de Chiapas, bem maiores que a taxa nacional. As taxas de homicídios também cresceram em alguns desses estados, com destaque para Veracruz, Oaxaca e Quintana Roo, como se pode notar nas tabelas a seguir:

Tabela 8. Taxa de Sequestros - Estados do Sul do México

Tasa de Secuestros Anuales por estado 2000-2017

Año	Nacional	Campeche	Chiapas	Oaxaca	Quintana Roo	Tabasco	Veracruz
2000	0.59	0.00	0.67	0.27	0.32	0.00	0.06
2001	0.49	0.28	0.71	0.05	1.23	0.00	0.10
2002	0.42	0.00	0.28	0.16	0.00	0.00	0.14
2003	0.39	0.13	0.30	0.16	0.00	0.00	0.22
2004	0.30	0.27	0.11	0.13	0.09	0.00	0.18
2005	0.26	0.13	0.13	0.03	0.18	0.00	0.08
2006	0.68	0.00	0.11	0.13	0.34	0.00	0.09
2007	0.40	0.38	0.32	0.24	0.57	0.46	0.17
2008	0.81	0.00	0.19	0.71	0.79	1.54	0.13
2009	1.03	0.00	0.37	0.86	0.46	0.72	0.00
2010	1.07	0.36	0.49	0.67	1.78	1.15	0.22
2011	1.24	0.35	0.60	1.61	1.50	3.28	0.77
2012	1.21	0.35	0.26	1.42	1.11	2.51	1.16
2013	1.43	0.11	0.23	1.14	0.81	4.45	1.38
2014	1.17	0.22	0.21	0.88	0.39	4.24	1.80
2015	0.88	0.66	0.19	0.62	0.32	3.27	1.21
2016	0.92	0.65	0.28	1.41	0.49	3.53	1.63
2017	0.96	2.03	0.32	1.26	1.20	3.50	2.20

Tabela 9. Taxa de Homicídios - Estados do Sul do México

Tasas de Homicídios Anuales por Estado 2000-2017

Año	Nacional	Campeche	Chiapas	Oaxaca	Quintana Roo	Tabasco	Veracruz
2000	13.73	7.85	30.49	35.19	26.10	10.63	6.43
2001	13.57	7.28	29.53	35.65	25.81	8.43	6.43
2002	12.71	7.15	24.45	38.61	19.11	6.93	6.17
2003	12.10	7.42	20.94	42.28	21.62	7.27	6.83
2004	11.00	4.90	17.58	30.22	12.61	5.74	6.31
2005	10.50	6.64	9.12	28.08	10.49	3.96	6.19
2006	10.89	3.58	7.76	28.69	10.13	7.73	5.82
2007	9.34	4.53	7.64	25.12	14.45	8.88	6.37
2008	11.82	5.56	6.85	19.27	15.21	6.72	6.30
2009	14.28	4.98	10.32	19.59	13.55	5.25	4.54
2010	18.10	7.05	10.46	17.22	17.32	6.35	7.56
2011	19.53	6.92	12.31	16.43	19.28	7.10	11.42
2012	18.12	7.96	11.35	12.01	17.36	5.37	12.32
2013	15.12	7.61	9.83	13.54	14.41	6.00	10.89
2014	12.83	7.27	7.89	16.06	11.24	7.12	6.10
2015	13.83	5.84	9.56	18.74	14.48	9.77	7.02
2016	16.63	9.12	8.80	21.55	10.19	11.46	15.52
2017	20.52	7.59	9.14	23.98	20.72	16.66	21.13

Fonte: Secretariado Ejecutivo de Seguridad Pública - México e Conselho Nacional da População - CONAPO México

Considerações finais

No âmbito das migrações internacionais, chama a atenção o enorme número de centro-americanos que nos últimos anos tomaram a decisão de abandonar seus lares e se dirigirem aos Estados Unidos. As precárias condições de vida e os altos níveis de violência de países como El Salvador, Honduras e Guatemala oferecem parte da explicação para a saída em massa dessas pessoas. No contexto de globalização em que o capital internacional valoriza determinados territórios em detrimento de outros, não se vislumbra a médio prazo uma melhora nas economias e estabilidade social nesses países. Como um efeito automático, parecido às mais lógicas leis da física, pessoas da América Central fogem de uma realidade insuportável, aceitando os desafios de uma longa trajetória que os levem ao país com a economia mais desenvolvida do mundo.

O papel do México nessa trajetória exerce, como este estudo demonstra, um papel crucial e ambíguo. Ao mesmo tempo que a Lei da Migração de 2011 estabelece mecanismos de acolhida humanitária aos migrantes em território mexicano, a estreita cooperação militar com os Estados Unidos através do Programa Fronteira Sul torna ainda mais penosa a travessia, devolvendo milhares de centro-americanos a uma realidade de onde estão tentando sair. Tal contradição pode ser entendida pela própria realidade do México. Ao mesmo tempo que é um país de emigrantes, sendo o país de origem do maior número de imigrantes nos Estados Unidos, possui também uma economia estreitamente dependente dos acordos de livre-comércio com a potência do norte. Do ponto de vista humanitário, no entanto, percebemos que utilizar a política migratória como moeda de troca para obter dos Estados Unidos vantagens no novo acordo comercial prejudica a imagem positiva que a Lei de Migração mexicana imprimiu inicialmente ao país.

As drásticas condições físicas e de policiamento na fronteira entre o México e os Estados Unidos torna a travessia um ato de vida ou morte para os milhares de centro-americanos que se veem obrigados a deixar seus países. Mesmo aqueles que superam as barreiras da Fronteira Sul e cruzam todo o território mexicano até a fronteira norte, resta-lhes ainda enfrentar os Agentes da Patrulha da Fronteira, os centros de detenção, os muros e cercas de arame farpado, o deserto escaldante durante o dia, as noites congelantes, a extorsão de coiotes. Que milhares de pessoas vejam este desafio como a única opção para uma vida melhor é alarmante. A calamitosa realidade social dos países do Triângulo Norte da América Central não vislumbra uma solução a curto ou médio prazos, por fatores estruturais. O estudo revelou, assim, que cabe aos governos do México e dos Estados Unidos atuar de acordo com os direitos humanos que proclamam em suas leis, para evitar que as vidas já ameaçadas destes migrantes, continuem sendo desprezadas pelas atuais políticas adotadas nas fronteiras ao norte e ao sul do México.

Referências

- ANISTIA INTERNACIONAL. *O estado dos direitos humanos no mundo*. Londres: Amnesty International Ltda, 2018.
- ARQUITECTOS CON LA GENTE. *Mapeo: Ruta Migrante*. Disponível em: <<http://arquitectosconlagente.com/ruta-migrante-mapeo/>>. Acesso em: 18 maio 2019.
- CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. *The World Factbook*. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/gt.html>>. Acesso em: 18 maio 2019.

O fluxo migratório da América Central para os Estados Unidos via México

- DUROSELLE, Jean-Baptiste; RENOUVIN, Pierre. *Introdução à História das Relações Internacionais*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- INTERNATIONAL CRISIS GROUP. *La Frontera sur de México: Seguridad, violencia y migración en la era Trump*. 2018.
- MÉXICO. *Nueva Ley Nacional de Migración*. Publicada no Diário Oficial de la Federación, 25 de maio de 2011.
- MÉXICO. Secretaría de Gobernación. *Anuario de Migración y Remesas: México 2018*.
- NO MORE DEATHS: *Footage of Border Patrol Vandalism of Humanitarian Aid, 2010-2017*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eqaslbj5Th8>>. Acesso em: 18 maio 2019.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *World Health Statistics 2018: Monitoring health for the Sustainable Development Goals*. Luxemburgo, 2018.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.
- SASSEN, Saskia. *Sociologia da globalização*. Porto Alegre: Editora Artmed, 2010.
- THE INTERCEPT BRASIL. *A patrulha de fronteira dos EUA: Um culto à violência desde 1924*. Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/02/15/patrulha-de-fronteira-eua-violencia/>>. Acesso em: 18 maio 2019.